

A ANTINOMIA SINCRONIA/DIACRONIA: FORMULAÇÃO, RECEPÇÃO E ATUALIDADE

Lorenzo VITRAL¹

RESUMO: Este artigo contém duas partes. Na primeira parte, discuto a formulação da antinomia saussuriana sincronia/diacronia e mostro que a supremacia da sincronia foi deduzida coerentemente do sistema de hipóteses do *Cours* (SAUSSURE, 1985), mas não implica exclusão da perspectiva diacrônica. Na segunda parte, apresento as propostas de alguns autores que se pronunciaram pela revisão da antinomia e defendo que as objeções à antinomia são oriundas da visão *realista* desses autores.

PALAVRAS-CHAVE: Sincronia/Diacronia. Historiografia Linguística. Realismo/Instrumentalismo. Linguística Histórica.

O objetivo atual da linguística é retomar os problemas que por muito tempo foram tidos como de domínio da linguística histórica e transportá-los para o plano do funcionamento estático; porque um fato de evolução permanece não explicado enquanto ele não puder ser conduzido a uma relação ou a uma série de relações estáticas de dependência mútua (=lei). (FREI, 1982 [1929], p. 31)²

...Um dos muitos problemas... diz respeito ao estatuto da gramaticalização na área de linguística. Por exemplo, é parte da linguística sincrônica, da linguística diacrônica, ambas, ou nenhuma delas? (HEINE et al., 1991, p. 248)³

1 Faculdade de Letras da UFMG. Belo Horizonte – MG, Brasil. lvitral@gold.com.br

2 La tache actuelle de la linguistique est de reprendre les problèmes qui ont longtemps paru comme le fief de la linguistique historique, pour les transposer sur le plan du fonctionnement statique; car un fait d'évolution reste inexplicé tant qu'il n'a pu être ramené à un rapport ou à une série de rapports statiques de mutuelle dépendance (=loi).

3 One of the many problems... concerns the status of grammaticalization within linguistics. For example, is it part of synchronic linguistics, of diachronic linguistics, of both, or of neither?

É desnecessário comprovar o vigor das pesquisas em linguística empreendidas a partir da aceitação da antinomia sincronia/diacronia enunciada no *Cours de Linguistique Générale*. Paradigmas teóricos da nossa área no século passado, isto é, os estruturalismos e o gerativismo, privilegiaram, como é notório, a descrição e a análise das estruturas da língua sob o ponto de vista sincrônico. Cabe assim afirmar que o século XX foi sincrônico.

Essa opção teórica foi impulsionada pela convicção de muitos da supremacia da perspectiva sincrônica sobre a perspectiva diacrônica que foi extraída do texto saussuriano. A seguinte passagem de Ullmann (1958 apud KOERNER, 1982, p. 351) ilustra nossa afirmação:

[...] A tendência histórica da filologia do século dezenove resultou numa visão ampla que admitia a existência de duas abordagens sobre a linguagem, uma delas descritiva ou ‘sincrônica’, a outra histórica ou ‘diacrônica’, e ambas proclamavam confiantemente a primazia do método descritivo porque seria mais compatível com a atitude do falante comum.⁴

Sabemos também, no entanto, que essa convicção nunca foi unânime. A partir da publicação do *Cours*, diversos autores manifestaram-se a favor de um programa de investigação que visasse à superação da antinomia saussuriana. Dentre estes, podem-se mencionar os jovens linguistas de Praga, aliás, Jakobson, Karcevskij e Troubetzkoy, das *Thèses* de 1929; Jakobson (1931) ; numa perspectiva mais tradicional, von Wartburg, (1934), ; também Benveniste (1966); Vidos (1996 [1959]); Coseriu (1958), Firth (1957); Martinet (1955); Koerner (1982); Weinreich, Labov e Herzog (1968); Hockett (1958), e outros.

Além disso, as edições críticas do texto saussuriano, isto é, Godel (1969), Engler (1970 [1967]), baseadas nas fontes manuscritas do *Cours*, e De Mauro (1985) permitiram abrir a discussão sobre se, de fato, a proposta da supremacia da sincronia corresponderia ao pensamento de Saussure ou, como sugere Koerner (1982), p. 386) se deveria à interpretação, ou ao “exagero”, dos editores do *Cours*.

No contexto da questão que acaba de ser levantada, realizo, nas duas partes deste texto, as seguintes tarefas, distribuídas nas seguintes seções: na

4 The historical bias of nineteenth-century philology gave away to a broader view which admitted the existence of two approaches to language, one descriptive or ‘synchronic’, the other historical or ‘diachronic’, and boldly proclaimed the primacy of the descriptive method because it is more akin to the attitude of the ordinary speaker.

primeira seção, caracterizo o ambiente científico do século XIX, em cujo contexto foram concebidas as ideias do *Cours*; na segunda seção, apresento a formulação da antinomia de acordo com o texto do *Cours* e de acordo com as fontes manuscritas (GODEL, 1969); defendo, na terceira seção, que a supremacia da sincronia foi, na realidade, deduzida do pensamento de Saussure; na quarta seção, resenho os principais pontos referentes à recepção da antinomia de acordo com os autores seguintes que se pronunciaram por sua revisão: Jakobson, Coseriu, Vidos e Weinreich, Labov e Herzog; e, por último, trago na sexta seção, e à guisa de conclusão, alguns comentários sobre a recepção da antinomia pelos autores resenhados tomando por base as noções de *realismo* e *instrumentalismo*.

O Cours e seu contexto histórico

Introdução

Falar de Saussure quase cem anos depois da publicação do *Cours de Linguistique Générale* é uma empreitada temerária: difícil é, senão impossível, captar o impacto de suas teses decorrido todo esse tempo, que permitiu às suas ideias galgarem a condição de domínio público na nossa área e influenciarem fortemente campos afins como a psicanálise e a antropologia.

Como se sabe, no jogo da alternância dos paradigmas científicos, as ideias de Saussure vêm se opor à perspectiva historicista do século XIX que serviu de modelo para a linguística e toda a produção científica dominante nesse período. A gênese da antinomia sincronia/diacronia parece poder ser encontrada no esgotamento da crença de que a busca de objetividade deve ser estabelecida a partir da recuperação das etapas históricas que determinam os fenômenos da linguagem.

De fato, a insatisfação com a prática teórica do seu tempo foi externada explicitamente por Saussure na conhecida carta endereçada a Antoine Meillet, datada, provavelmente, de 1894 (cf. GODEL, 1969, p. 31), na qual se leem as seguintes considerações:

Mas estou bastante desgostoso com tudo isso, e com a dificuldade que em geral ocorre quando se escreve somente dez linhas, tendo o senso comum como matéria dos fatos da linguagem. Preocupado sobretudo, já há muito tempo, com a classificação lógica desses fatos, com a classificação de pontos de vista sob os quais nós os tratamos, eu

vejo cada vez mais a imensidão do trabalho que é preciso para mostrar ao linguista o que ele faz, reduzindo cada operação à sua categoria prevista; e, ao mesmo tempo, a grande variedade de tudo que finalmente se pode fazer em linguística.⁵

Sem < cessar >,⁶ esta inépcia da terminologia corrente, a necessidade de reformá-la, e mostrar para isso que espécie de objeto é a língua em geral, tudo isso vem estragar meu prazer histórico, ainda que eu só tenha como meu mais caro desejo não ter de me ocupar da língua em geral [...] ⁷

Isto terminará, apesar de tudo, por um livro onde, sem entusiasmo, eu explicarei por que não há um único termo empregado em linguística em relação ao qual esteja de acordo com o sentido atribuído. E só após isso confesso que poderei retomar meu trabalho no ponto em que o tinha deixado.⁸

É fácil deprender do documento acima as inquietações do espírito de Saussure que o motivaram a empreender a reflexão sobre a linguagem que nos foi legada. Vê-se assim a preocupação com a definição do objeto de estudo cuja ausência, segundo ele, na prática da linguística histórica e comparada, fazia nossa disciplina agir de maneira cega ou inconsciente, o que, além disso, deteriorava seu prazer “historique”, isto é, sua motivação em empreender seus esforços no trabalho filológico. Mas quais eram exatamente os pressupostos da linguística histórica e comparada do século XIX que, segundo Saussure, lançavam dúvidas sobre suas conquistas?

A linguística do século XIX é, como se sabe, um dos produtos do paradigma historicista que vigorou nesse período e as duas ciências que serviram de modelo foram, como é sabido, a biologia evolucionista de Darwin e a física de Newton. Da primeira, como propôs Schleicher (1873), a linguística histórica extraiu a ideia da linguagem como um organismo natural, o que equiparava a linguística

5 Mais je suis bien dégoûté de tout cela, et de la difficulté qu'il y a en general à écrire seulement dix lignes ayant le sens commun en matière de faits de langage. Préoccupé surtout depuis longtemps de la classification logique de ces faits, de la classification des points de vue sous lesquels nous les traitons, je vois de plus en plus à la fois l'immensité du travail qu'il faudrait pour montrer au linguiste *ce qu'il fait*, en réduisant chaque opération à sa catégorie prévue; et en même temps l'assez grande variété de tout ce qu'on peut faire finalement en linguistique..

6 De acordo com Godel (1969), essa palavra está ausente na cópia da carta

7 Sans <cesse>, cette ineptie de la terminologie courante, la nécessité de la réformer, et de montrer pour cela quelle espèce d'objet est la langue en général, vient gêner mon plaisir historique, quoique je n'aie pas de plus cher vœu que de ne pas avoir à m'occuper de la langue en général...

8 Cela finira malgré moi par un livre où, sans enthousiasme, j'expliquerai pourquoi il n'y a pas un seul terme employé en linguistique auquel j'accorde un sens quelconque. Et ce n'est qu'après cela, je l'avoue, que je pourrai reprendre mon travail au point où je l'avais laissé.

a uma ciência natural. Paul (1966 [1870]) acrescenta que a linguagem deve ser encarada como um *psychischer organismus*, isto é, um organismo psíquico, sujeito a um processo de seleção análogo à seleção das espécies proposta por Darwin, o que significa que recursos de linguagem podem se extinguir ou sobreviver. A esta concepção aliou-se a hipótese de que é possível prever, assim como Newton estabeleceu as condições de possibilidade do mundo físico, a evolução da linguagem por meio de *leis*.

Vejamos a seguir, em linhas gerais, como essas duas disciplinas influenciam da elaboração linguística do século XIX.

A Física Clássica, a Biologia Evolutiva e a Noção de “Lei”

É Newton, na terceira versão de *De Motu*, que abdica do termo “hipótese” em favor de outro, isto é, “lex”, para se referir às suas leis do movimento que significam o coroamento da chamada física clássica (cf. WESTFALL, 1995, p. 165). Mas a ideia de leis é anterior a ele e é consequência da “matematização” da natureza inaugurada pelo projeto da física, sem metafísica, proposto por Galileu e Kepler; o que quer dizer que, em lugar de estudar a natureza dos objetos para deduzir daí suas propriedades, passou-se a estabelecer as leis matemáticas que regem os fenômenos observados. A física transforma os fatos físicos em problemas matemáticos evitando, assim, afirmações sobre o que são essencialmente os seres físicos. Essa perspectiva é aprofundada por Newton, embora seja possível reconhecer uma tensão, uma ambiguidade, entre sua prática científica e suas declarações acerca dessa prática. Por um lado, é possível interpretar sua prática científica como um “fenomenismo”, isto é, ela não busca saber o que é a coisa nela mesma, nem as causas que determinam o que ela é, mas se contenta de descrever o que aparece, os dados ou os fenômenos (cf. PUECH, 1990).

A física de Newton, cuja noção de lei é compatível com as crenças dos metafísicos racionais como Descartes, Malebranche ou Leibniz, é vista a partir de um modelo causal e realista que, em última instância, tem de revelar a causa divina subjacente às leis da natureza. Assim, todos os eventos da natureza são estritamente e completamente determinados. Mesmo que não se conheçam todas as leis que regem a natureza, os representantes da física clássica admitiam que essas leis existem e que são, em princípio, acessíveis à ciência. A crença determinista clássica estabelece então que no mundo físico

nada é por acaso, tudo é previsível e todo fenômeno tem uma causa que o precede necessariamente de maneira que, se se conhece sua causa, conhece-se seu efeito. Essa perspectiva se conservou até o século XX, como se pode ver pela afirmação de Planck, em 1923 (apud KOJÈVE, 1990, p. 43):

Pensamento científico não é nada mais do que pensamento causal.⁹

Observe-se, agora que a busca de leis, na sua concepção que resumimos acima, é projetada para a linguística histórico-comparativa do século XIX, permitindo seu estabelecimento como uma disciplina científica e objetiva. O apelo à noção de “lei”, que, no entanto foi vista, no século seguinte, como uma “dangerous metaphor” (BLOOMFIELD, 1933, p. 348), encontrou seu ápice, como é notório, na chamada *hipótese dos neogramáticos*:

Toda mudança sonora, visto que ocorre mecanicamente, tem lugar de acordo com leis que não admitem exceções.¹⁰ (OSTHOFF; BRUGMAN, 1878 apud LEHMANN, 1967, p. 204).

Ou, em outras palavras, a mudança sonora ocorre de maneira regular e determinada. Isso faz com que um som X se torne um som Y num dado ambiente condicionador em todos os morfemas de uma língua e permita estabelecer, para um grupo de línguas aparentadas, correspondências regulares de sons.

Vê-se, nesta análise, toda a força do determinismo causal, isto é, as mudanças sonoras se sucedem segundo uma regra unívoca, o que permite remontar à fonte comum das línguas consideradas.

A perspectiva legalista, isto é, a busca de leis, da linguística histórico-comparativa, estabelece o caráter inerentemente historicista da linguística do século XIX e, para isso, ela se aliou à biologia evolucionista de Darwin já que as leis propostas pelos linguistas eram leis que previam a evolução das línguas.

Ora, a ideia da *evolução* estava, como se diz, “no ar” durante o século XIX, ou mesmo a partir de meados do século anterior, e estava por trás dos trabalhos de naturalistas como Buffon e Lamarck, precursores de Darwin, e geólogos como Hutton e Lyell, que também inspiraram o trabalho de Darwin.

⁹ Pensée scientifique n’est rien d’autre que pensée causale.

¹⁰ Every sound change, inasmuch as it occurs mechanically, takes place according to laws that admit no exception.

Como é sabido, apesar das resistências de universos conservadores, a visão da evolução foi, paulatinamente, ganhando prestígio de forma que todos os sistemas, isto é, a terra, as plantas, os animais e o homem eram vistos num todo em desenvolvimento, o que podia ser descrito por meio de estágios. A teoria darwiniana foi o coroamento dessa perspectiva, pois foi a primeira a fornecer uma hipótese para a evolução, isto é, a “lei da seleção natural” como um modelo que explica a evolução das espécies (cf. DARWIN, 2004, p. 85 [1859]).

A influência do paradigma darwiniano pode ser pinçado de forma explícita das afirmações dos linguistas do século XIX. Veja-se, por exemplo, o que diz Paul 1966 [1870], p. 18):

A história da evolução da natureza orgânica já se aproxima, aliás muito... da história da cultura. Cada organismo mais elevado surge pela associação duma quantidade de células que colaboram segundo o princípio da divisão do trabalho, e que se distinguem na sua configuração de acordo com este princípio.

Assim, já que a língua é, para Paul, um dos produtos da história da cultura, fazer linguística quer dizer, então, fazer história da língua, como este autor afirma no trecho seguinte (cf. PAUL, 1966, p. 28):

Objetaram-me que há outro método científico de estudar a língua, além do histórico. Tenho que negar isso. Aquilo que se considera como um método não histórico, e contudo científico, de estudar a língua, não é no fundo mais do que um método histórico incompleto, incompleto em parte por culpa do observador, em parte por culpa do material de estudo... E assim eu não faço ideia de como se pode reflectir com êxito sobre uma língua, sem averiguarmos um pouco qual foi a sua evolução histórica.

A viabilidade desse projeto de investigação inclui ainda o rompimento com o idealismo alemão que, buscando pensar o sentido da história humana ou da natureza e da vida em geral, admitia a noção de “espírito”, ou “absoluto”, vista como guia e meta da história. Para Hegel, o espírito é a história (cf. HYPOLITE, 1999, p. 47). Essa perspectiva fomentou a adoção de propostas de análise da evolução das línguas que levavam em conta a noção da existência de um “espírito da língua” (*sprachegeist*), além e acima dos falantes particulares (cf. GRIMM, 1848 apud LIGHTFOOT, 2000, p. 84), o que permitiria estabelecer uma psicologia dos povos (cf. PAUL, 1966, p. 19). Esse tipo de noção foi visto por Paul como uma “abstração”, que, nesse caso, permite a seguinte interpretação: um produto da mente que não tem existência real e é contrário à

busca de objetividade que caracterizava a atitude das bem-sucedidas disciplinas científicas de seu tempo. Vejamos suas próprias palavras (cf. PAUL, 1966, p. 21):

Todos os processos psíquicos se produzem em cada espírito e em mais parte alguma. Nem o espírito do povo, nem os elementos deste, como arte, religião, etc., têm existência concreta, e por consequência também não pode acontecer nada neles e entre eles. Por isso “fora com essas abstrações!”

Paul defende então a ideia de que a língua tem sede nos falantes, ou seja, é um fenômeno da psicologia individual, e é disso que ele precisa para compatibilizar o programa de pesquisa da linguística histórico-comparativa com o paradigma darwiniano. Essa visão dos fatos permite-lhe tratar a língua como “organismo psíquico” que é visto como o autêntico portador da evolução histórica (cf. PAUL, 1966, p. 37).

Saussure e a Linguística Histórico-comparativa

Foi nesse ambiente científico que Saussure foi formado e é a partir dele que empreende suas reflexões sobre a linguagem. A antinomia sincronia/diacronia é vista como um rompimento em relação ao historicismo inerente à linguística do século XIX. Mas antes de vermos de que maneira isso se dá, retomemos o percurso do genebrino no intuito de estabelecer como ele reage em relação à herança da linguística histórico-comparativa.

Um dos pressupostos centrais da linguística do século XIX, adotado por Saussure, que, como veremos, é plena de consequências teóricas, é a concepção da palavra como unidade da língua. Valendo-se, na realidade, do termo *signe*, Saussure propõe que os signos são as entidades concretas da *langue*; estudá-los observando as relações que mantêm entre si é o que compete à linguística; e essas entidades só são completamente determinadas quando são delimitadas, isto é, separadas do que está à sua volta na cadeia fônica. O que quer dizer que o caráter discreto dos signos só é detectável por meio do confronto entre eles viabilizado pelo sistema da *langue*. Ou, ainda, é por meio da significação que recortamos os signos na linearidade da cadeia sonora e o papel de cada palavra é dado pelo seu *valor* no sistema da *langue*.

Essa perspectiva é compatível com a busca de leis da evolução das línguas empreendida pela linguística do século XIX, já que são os sons das palavras que se modificam, o que permite atribuímos às línguas uma base

comum. Assim, se o som /t/ do inglês corresponde ao som /ts/ do alemão, é preciso estabelecer um vínculo histórico entre essas línguas, uma vez que a relação entre as duas faces do signo é arbitrária.

É do próprio Saussure, das fontes manuscritas do *Cours*, de acordo com Godel (1969, p. 89), que se lê o seguinte trecho:

Questão de unidades ou entidades: é a primeira da linguística estática, mas não a mais fácil. Admitir-se-á provisoriamente que as unidades são as palavras.¹¹

E as orações, que poderiam ser vistas também como unidades da linguagem? Ora, para ele ainda, as orações pertencem à *parole* e não à *langue*.

Por outro lado, poder-se-ia pensar neste sistema da *langue*, já que é ele que nos permite detectar os itens que compõem uma língua, como uma *entidade superior*, ou seja, como um componente discreto que, em última instância, determina as condições de existência dos itens. Mas não se trata disso, de acordo com o texto do *Cours*: são os signos que existem e devem ser visto como unidades, pois são essencialmente psíquicos e “têm sua sede no cérebro” (“ont leur siege dans le cerveau”) (SAUSSURE, 1985, p. 32), isto é, são da ordem da realidade. Nesse ponto, ele está de acordo com Paul quando este admite que são ‘os grupos de sons’, associados a ideias, manifestações da fala em todos os indivíduos, que são os objetos e fatos reais que devem ser investigados pelo linguista; e esses objetos são psíquicos, pois compõem o organismo psíquico que residem na “alma de cada indivíduo” (cf. PAUL, 1966, p. 35). À primeira vista, poder-se-ia traçar um paralelo entre a noção de organismo psíquico, já que é isso que “amarra” os “grupos de ideias”, e a noção do sistema da *langue*, porém, a entidade de Paul é da órbita do psicológico/biológico. Ao propor a noção de *langue*, Saussure tenta, na realidade, descrever as condições que determinam o papel desempenhado pelas unidades das línguas, contudo sem atribuir estatuto psicológico a isso. Para ele, a *langue* existe no social, isto é, ela é a parte social da linguagem, que é, portanto, exterior a cada falante particular. Como se sabe, essa perspectiva é extraída da concepção de *fato social* de Durkheim, que tem duas características: 1) o *fato social* é exterior ao indivíduo, isto é, independe dos indivíduos; e 2) é obrigatório no sentido de que indivíduos são submetidos a ele de maneira

11 Question des unités ou entités: c’est la première en linguistique statique, mais non la plus facile. On admettra provisoirement que les unités sont des mots.

inevitável. Para Meillet (1958, p. 72-73), e outros como Coseriu (1958), a noção de *langue* corresponde à definição de *fato social*.

Na visão que se depreende do *Cours*, portanto, a noção de *langue* supõe um tipo de contrato social entre os falantes, adquirido de forma gradativa e que não pode ser modificado por um ato de volição de um falante particular. O que existe de fato são então os signos, que têm realidade psicológica para os falantes, e a *langue* é extraída pelo linguista a partir da observação dos fatos da língua. Vale de fato a comparação com as regras do jogo de xadrez que são exteriores a cada jogo particular.

A dificuldade de atribuir existência psicológica/biológica à *langue* reside no conflito com o que é suposto ser abstrato. O Saussure do *Cours* herda de Paul a rejeição de propor estatuto de realidade a entidades julgadas abstratas. Como vimos, a linguística científica que se quis edificar não pode conter abstrações, já que se quer demarcar da filosofia idealista alemã. Essa tomada de posição de Paul, seguida pelo genebrino, é ainda bastante explícita nos trechos seguintes em que o neogramático comenta o conteúdo da teoria da gramática tradicional, chamada de gramática descritiva (cf. PAUL, 1966, p. 33-34):

A gramática descritiva registra as formas e condições gramaticais usadas numa determinada época adentro da mesma entidade linguística; os modos de expressão que cada um pode usar para ser compreendido por todos, sem produzir uma sensação de estranheza. O seu conteúdo não são fatos, mas sim uma abstracção feita a partir dos fatos observados.

Enquanto nos contentarmos com uma gramática descritiva e com abstrações estamos ainda muito longe duma concepção científica da vida da língua.

Saussure comunga com essa tomada de posição quando comenta a validade da noção de categoria gramatical estabelecida, como é notório, no âmbito da gramática tradicional. Assim, ao dizer que a distinção de palavras em substantivos, verbos, adjetivos, etc., não é “uma realidade linguística inegável” (“une réalité linguistique indéniable”), o texto do *Cours* completa (SAUSSURE, 1985, p. 153):

Assim, a linguística trabalha sem cessar com conceitos forjados pelos gramáticos e não se sabe se esses conceitos correspondem realmente a fatores constitutivos

do sistema da língua. Mas como sabê-lo? E se são fantasmas, que realidades lhes contrapor?^{12 13}

O trecho acima, que é claramente compatível com o que diz Paul, permite-nos afirmar que a dificuldade de Saussure com o conteúdo da teoria tradicional se deve ao suposto caráter “irreal”, próximo de “falso”, que caracteriza aquilo que a terminologia tradicional pretende designar, e essa “irrealidade” pode ser debitada à qualidade abstrata desses construtos teóricos.

O século XIX lega a Saussure, portanto, a rejeição ao emprego de noções consideradas abstratas por não designarem entidades reais, isto é, que existem de fato na mente dos falantes.

No entanto, de acordo com De Mauro (em SAUSSURE, 1985, notas 70 e 204), Saussure vivia um conflito em relação à qualidade do que é abstrato, pois, ao mesmo tempo em que considerava abstratos aqueles termos da teoria que não logram designar o que julgava entidades reais da língua, é obrigado a reconhecer que noções, como a de fonema ou as relações paradigmáticas (chamadas, na verdade, de “*rappports associatifs*”), por exemplo, embora formais e não concretas, “existem na língua, mas a título de entidades abstratas” (“*existent dans la langue, mais à titre d’entités abstraits*”), devido ao fato de serem operativas; embora não se possa saber exatamente se a consciência dos falantes as represente (SAUSSURE, 1985, p. 190). Mas, para ele, “o essencial é que as entidades abstratas repousem sempre, em última análise, sobre as entidades concretas” (“*l’essentiel est que les entités abstraites reposent toujours, en dernière analyse, sur les entités concrètes*”) (SAUSSURE, 1985, p. 190).

Vê-se também aí o dedo de Paul, que admitia, igualmente de acordo com o espírito do seu tempo, a plausibilidade de representações mentais inconscientes por parte dos falantes, que podem incluir entidades linguísticas.

12 A necessidade de uma crítica às definições tradicionais das partes do discurso foi constante no pensamento de Saussure, de acordo com De Mauro (em SAUSSURE, 1985, n. 219 e n. 221). Da pena do próprio genebrino, lê-se, segundo Engler (apud De Mauro, p. 460): Não se poderia falar de categoria? Não, porque sempre na linguagem uma matéria fônica é necessária e, sendo linear, sempre precisa ser recortada. É assim que as unidades se estabelecem... (Ne pourrait-on pas parler de catégorie? Non, car il faut toujours dans le langage une matière phonique; celle-ci étant linéaire, il faudra toujours la découper. C’est ainsi que s’affirment les unités...)

13 Ainsi la linguistique travaille sans cesse sur des concepts forgés par les grammairiens, et dont on ne sait s’ils correspondent réellement à des factus constitutifs du système de la langue. Mais comment le savoir? Et si ce sont des fantômes, quelles réalités leur opposer?

Pode-se dizer, enfim, que a *langue* é vista como abstrata, ou seja, não tem existência concreta, embora seja adequada na medida em que permite estabelecer o valor de cada signo e estes, sim, tem plausibilidade real na mente do falante.

A reação do genebrino no que concerne à noção de lei é também pertinente para nós. A leitura do parágrafo 6 da página 129 do *Cours* nos permite inferir a desconfiança em relação à perspectiva de considerar que a *langue* seja composta de leis válidas para todo lugar e independentemente do tempo, ou seja, já que a *langue* é uma instituição social, há de se distinguir entre lei diacrônica e lei sincrônica. Consideremos, por exemplo, as proposições seguintes que tomam o grego como exemplo:

1. Os sons sonoros aspirados do indo-europeu transformaram-se em sons surdos aspirados: *dhumos > thumos “sopro da vida”;
2. O acento nunca ocorre além da antepenúltima sílaba.

A primeira proposição é uma lei diacrônica e a segunda é sincrônica. De acordo com o texto, esta última é geral, mas não é imperativa, isto é, ela se impõe aos falantes pelo uso coletivo, porém, não se prevê que seja necessariamente obrigatória, podendo, assim, ser alterada. Ao passo que no caso da lei diacrônica, falamos de lei uma vez que observamos um conjunto de fatos obedecer à mesma regra; contudo, os acontecimentos diacrônicos têm sempre um caráter acidental e particular. Sua concepção é resumida da seguinte maneira: os fatos sincrônicos apresentam uma certa regularidade, mas não têm nenhum caráter imperativo, enquanto os fatos diacrônicos, ao contrário, se impõem sem, no entanto, dispor de generalidade.

Saussure rejeita, portanto, de acordo com o texto do *Cours*, o que ele chama de visão pancrônica, isto é, a adequação para a linguagem de leis no sentido da física clássica, que se verificariam sempre e em qualquer lugar. Ele está pronto a admitir apenas leis bem gerais, não específicas, como, por exemplo, *mudanças fonéticas sempre ocorrerão*, que, no entanto, são “princípios gerais existentes independentemente dos fatos concretos” (“principes généraux existants indépendamment des faits concrets”) (SAUSSURE, 1985, p. 135).

Apesar de, como se viu, herdar parte das crenças da linguística do século XIX, é, como se sabe, a formulação da antinomia sincronia/diacronia

a resposta mais saliente de Saussure no que tange à sua insatisfação com a prática linguística do século XIX.

A Antinomia Sincronia/Diacronia

As Dicotomias Saussurianas:

A concepção da linguagem do genebrino constitui, como se sabe, um sistema de noções que merece ser qualificado de orgânico. Como disse Benveniste (1966), Saussure é um homem de fundamentos, isto é, empreende sua reflexão na busca de princípios que governam a diversidade dos dados empíricos. Como Benveniste também destacou, o sistema teórico saussuriano é composto de noções que vêm de par, ou seja, é a articulação de dualidades teóricas que dá corpo à sua concepção explicativa dos fenômenos da linguagem. Sincronia e diacronia são uma dessas dualidades, que se definem uma em relação à outra. Mas para explicitá-la é preciso deduzi-la da articulação das demais noções opositivas.

O ponto de partida das reflexões de Saussure é o reconhecimento da singularidade de cada ato expressivo. Assim, em cada uso da língua, o falante visa a expressar o que se passa na sua mente e para isso faz suas escolhas léxicas. Porém, ocorre que a execução sonora de cada palavra varia, não somente em relação a um falante e outro, mas também nos atos expressivos de um mesmo falante. Assim, o que faz com que reconheçamos uma cadeia sonora como uma palavra discreta de uma língua não pode ser sua execução. É preciso buscar então o que faz uma unidade não naquilo que foi expresso, mas naquilo que o falante sabe, ou ainda, no seu conhecimento da língua. É necessário perguntar-se, então, se a execução varia, o que é invariável, isto é, quais são as unidades de uma língua que não variam e que residem na mente do falante?

As unidades para Saussure são, como vimos, as palavras. Mas, já que não se pode defini-las pela execução, deve-se investigar até que ponto essa execução pode variar e permitir dizer ainda que se trata da mesma palavra. Para desenvolver esse ponto, Saussure, em primeiro lugar, chama as unidades de *signes*, compostos de duas faces, isto é, *signifiant* e *signifié*, e, em segundo lugar, propõe que a identificação das unidades não é estabelecida na *parole*, mas na *langue*.

A *langue* é, assim, o conhecimento acerca da linguagem, compartilhado pelos falantes, que nos permite relacionar o conjunto de signos de uma língua.

O fato de identificarmos uma cadeia sonora como um significante, ao qual está associado um significado, se deve ao fato de, de posse do conhecimento citado, sabermos que aquele significante é distinto de todos os outros. Assim, a pronúncia de uma palavra como *sabe* pode variar bastante, mas contanto que o que dizemos não se confunda com *sobe*, *cabe*, *tape*, *rape*, *gabe*, etc. Isso quer dizer que o fato de um signo não ser outro qualquer é o que define sua identidade, ou, em outras palavras, as identidades são definidas na *langue* de maneira relacional.

O que Saussure chama de significado e significante de um signo são, portanto, entidades mentais ou psicológicas, já que a execução concreta das duas faces do signo podem ter, na *parole*, realizações variadas. Deduz-se daí que a relação entre as duas faces do signo é arbitrária, ou seja, uma língua não vincula, de maneira necessária, um conjunto de sons a um conjunto de significados. Pelo contrário, uma língua estabelece, de maneira convencional, um conjunto de sons de sua escolha a um conjunto de significados também de sua escolha. A natureza arbitrária das duas faces do signo é o fundamento de toda a realidade da linguagem e está na origem do caráter opositivo das unidades linguísticas: cada unidade é o que é por ser delimitada pelas outras unidades com as quais coexistem numa língua. Assim, identificar uma unidade implica determinar seu *valor* no sistema da *langue* e, para isso, é preciso delimitá-la em todas as suas possibilidades combinatórias, o que define suas relações sintagmáticas, e em todas as suas possibilidades associativas virtuais, o que estabelece suas relações associativas ou paradigmáticas.

Da arbitrariedade da relação entre significado e significante, decorre a mutabilidade das línguas: ora, já que nada une, inerentemente e indissolúvelmente, uma cadeia sonora e um significado, as duas faces do signo estão sujeitas a se modificarem ao longo do tempo. E uma vez que descrever uma língua implica identificar suas unidades e, para essa identificação, é necessário estabelecermos o valor de cada unidade por meio do sistema da *langue*, o conjunto de hipóteses de Saussure permite-nos distinguir as duas perspectivas do estudo da linguagem, isto é, a perspectiva sincrônica: “um fenômeno de linguagem é dito sincrônico quando todos os elementos e fatores que emprega pertencem a um único e mesmo momento de uma única e mesma língua” (TODOROV; DUCROT, 1977, p. 141); e a perspectiva diacrônica: “quando faz intervir elementos e fatores que pertencem a estados de desenvolvimento diferentes de uma mesma língua” (TODOROV; DUCROT, 1977, p. 141).

Infere-se, por fim, que a identificação das unidades de uma língua, no sentido que vimos acima, pode prescindir da descrição das alterações que as duas faces do signo venham a sofrer pela ação do tempo.¹⁴

Embora a distinção entre descrever a evolução de uma língua e descrever seu estado num dado momento não tenha escapado à pesquisa linguística anterior a Saussure, ele é reputado ser o primeiro a explicitar essa distinção e a reivindicar a autonomia e a primazia para o estudo sincrônico. É bem verdade que essa primazia pode ser vista como um corolário da consideração de que o objeto preferencial da linguística é a *langue* e é essa última que nos permite prever suas unidades. Porém, a discussão historiográfica que se estabelece é, como dissemos no preâmbulo, saber até que ponto a primazia mencionada corresponde de fato ao pensamento saussuriano.

A Antinomia Sincronia/Diacronia de acordo com o *Cours*

Retomaremos o texto do *Cours*, mais exatamente no capítulo III da primeira parte do livro, em que são explicitadas as perspectivas da sincronia e da diacronia no estudo da linguagem.

Após comentários mais genéricos sobre outras disciplinas científicas nas quais nem sempre se leva em conta a separação entre a descrição dos fenômenos com e sem a consideração do efeito do tempo, o texto do *Cours* afirma que, no estudo da linguagem, é-se obrigado a cindir nossa disciplina em duas partes, tendo cada uma seu princípio próprio. É necessário, assim, distinguir dois eixos sobre os quais são situados os fenômenos de que nos ocupamos:

1º o eixo das simultaneidades...referente às relações entre as coisas coexistentes, de onde toda intervenção do tempo é excluída, e 2º o eixo das sucessividades... sobre o qual só se pode sempre considerar uma coisa de cada vez, mas onde estão situadas todas as coisas do primeiro eixo com suas mudanças. (SAUSSURE, 1985, p. 115)¹⁵

14 A questão das unidades diacrônicas é razão para comentários adicionais. Quando se considera que *calidum*, do latim, e *chaud*, do francês, são a mesma unidade em línguas diferentes, o fato a ser observado é que se passou de uma a outra através de uma série de identidades sincrônicas na *parole*, sem que a ligação que as une tenha sido rompida pelas transformações fonéticas sucessivas (cf. SAUSSURE, 1985, p. 250).

15 1º l'axe des simultanités... concernant les rapports entre choses coexistantes, d'où toute intervention du temps est exclue, et 2º l'axe des successivités... sur lequel on ne peut jamais considérer qu'une chose à la fois, mais où sont situées toutes les choses du premier axe avec leur changements.

Assim, para a linguística, essa distinção se impõe “imperiosamente” (“impérieusement”) (p. 116), já que a *langue* é um sistema de valores puros no qual nada é determinado fora do estado momentâneo de seus termos. E a rede de relações entre os signos impede-nos de estudá-los simultaneamente no tempo e no sistema. Segundo De Mauro (em SAUSSURE, 1985, p. 451), essa tomada de posição expõe claramente a relação entre a natureza do signo e o método sincrônico, isto é, a relação entre o significado e o significante é radicalmente arbitrária e, conseqüentemente, a única razão que determina a configuração particular entre um significado e um significante é o fato de os outros significantes e significados coexistirem com ele no mesmo sistema que o delimita e define. Do ponto de vista da pesquisa linguística, isso quer dizer que, para delimitar um signo, é preciso considerá-lo no sistema de signos no qual ele tira seu valor.

Relembremos um dos conhecidos exemplos apresentado no texto do *Cours*: no alemão antigo, o plural de *gast* “convidado” foi, inicialmente, *gasti*, o de *hant* “mão”, *hanti* e assim por diante. Mais tarde, esse *i-* produziu um *umlaut*, isto é, a mudança do *a-* por *e-* na sílaba precedente: *gasti* – *gesti*, *hanti* – *henti*. Depois disso, o *i-* perdeu seu timbre, o que deu *gesti* – *geste*, etc. Hoje, temos *gast* : *gäste*, *hand* : *hände*, e toda uma classe de palavras apresenta a mesma diferença entre o singular e o plural. De acordo com o *Cours*, esses fatos diacrônicos não mudam o sistema da *langue*: o alemão não passou de um sistema de relações a outro, isto é, o que interessa é que, apesar das mudanças sonoras, a diferença entre o plural e o singular continua a ser expresso só que a partir de uma nova distinção. Assim, o fato sincrônico que é relevante não é que *gäste* exprima o plural, mas sim a oposição entre *gast*: *gäste*, enquanto, no que concerne ao fato diacrônico, interessa-nos estabelecer que para que uma nova forma – *gäste* – apareça, é preciso que a antiga – *gasti* – lhe ceda o lugar.

Querer reunir numa mesma disciplina fatos como estes é, portanto, uma “tarefa quimérica” (“entreprise chimérique”), o que nos autoriza reafirmar que “a *langue* é um sistema cujas partes podem e devem ser consideradas de acordo com a solidariedade sincrônica que mantém entre si” (“la *langue* est un système dont toutes les parties peuvent et doivent être considérées dans leur solidarité synchronique”) (SAUSSURE, 1985, p. 122, 124).

É bastante explícito, portanto, que o texto do *Cours* distingue claramente as duas perspectivas, referindo-se a elas como uma *oposição*. Veremos a seguir,

a partir do trabalho de Godel, que, nas fontes manuscritas do *Cours*, ratifica-se a oposição entre as duas perspectivas.

A Antinomia Sincronia/Diacronia de acordo com as Fontes Manuscritas (GODEL, 1969)

Em *Les Sources Manuscrites du Cours de Linguistique Générale de F. de Saussure*, Robert Godel introduz seu trabalho mencionando as dúvidas, surgidas após a publicação do *Cours*, sobre o quão fiéis ao pensamento saussuriano foram os editores Bally e Sechehaye, o que justifica, segundo ele, a confrontação do *Cours* com as fontes manuscritas. O resumo dessas fontes está exposto no capítulo II do seu livro, que tem como título *Analyse des Sources Manuscrites*. Faremos a seguir uma coleta dos principais trechos das notas manuscritas que nos falam sobre as perspectivas da sincronia e da diacronia.

Nas *Notes Inédites*, trecho 12, datado de novembro de 1894, lê-se o seguinte (GODEL, 1969, p. 47):

A. Em linguística, a distinção entre estado e evento é tão capital que se pode perguntar se ela não precisaria de duas ciências. Mas a lingüística não cessa de confundil-as..., e parece inconsciente da dualidade de seu objeto.¹⁶

No mesmo trecho, encontra-se igualmente:

B. DIACRÔNICO. É oposto a sincrônico ou idiosincrônico. Porque equivalente a fonético...

IDIOSSINCRÔNICO. Não é idiosincrônico o que é fonético (=diacrônico). Grammatical = idiosincrônico e só é uma noção clara quando for reconduzida à ideia de idiosincrônico.¹⁷ (GODEL, 1969, p. 69)

Nas notas do curso dado por Saussure na Universidade de Genebra, nos anos de 1908-1909, ao qual Godel se refere como *Cours II*, leem-se as seguintes passagens:

16 A. En linguistique, la distinction de l'état et de l'événement est si capitale qu'on peut se demander si elle ne nécessite pas deux sciences. Mais la linguistique ne cesse de les confondre...,et semble inconsciente de la dualité de son objet.

17 B. DIACHRONIQUE. Est opposé à synchronique ou idiosynchronique. Pourquoi équivalent de phonétique...

IDIOSYNCHRONIQUE. N'est pas idiosynchronique ce qui est phonétique (= diachronique). Grammatical = idiosynchronique et n'est une notion claire que ramené à l'idée d'idiosynchronique.

C. [...] diacrônico, para ser exato, seria necessário contrapor a *idiosincrônico*, porque se trata sempre de uma língua, de um dialeto determinado. Haverá, portanto, dois encaamentos dos fatos, representados por dois eixos; em ambos, ocupar-se-á de unidades. As unidades diacrônicas não são fixas, elas se estabelecem de um momento a outro... A língua, interpretando o que ela recebeu, modifica a repartição das unidades – aqui sem a menor alteração fonética. A ordem diacrônica é o deslocamento dos valores, portanto, das unidades significativas; a ordem idiosincrônica é o equilíbrio dos valores tal qual se estabelece a cada momento: opõe-se como *cinemático* (ou evolutivo) e *estático*.¹⁸

D. Será necessário distinguir o fenômeno diacrônico e o fenômeno sincrônico, por muito tempo confundidos pelos linguístas, mas de natureza radicalmente diferente. Exemplo: má interpretação da relação *capio: percipio*, que mistura os fenômenos sincrônico e diacrônico de uma maneira impressionante. A alternância *a/i*, relação sincrônica, contribui com a significação que é uma oposição fundada sobre uma diferença mais ou menos regular. O fenômeno sincrônico é condicionado (mas não criado pelo diacrônico... No fenômeno diacrônico, os termos são sucessivos e idênticos; na sincronia, simultâneos e diferentes: opostos – portanto, não idênticos).¹⁹ (GODEL, 1969, p. 70) (os itálicos são do autor)

E. ...para se dar conta do que existe num estado de língua, o melhor é fazer abstração do passado. Paradoxo, mas paradoxo verdadeiro: os signos da língua têm o valor fixado pelo que coexiste, não pelo que precede.²⁰ (GODEL, 1969, p. 70)

F. Portanto, haverá necessariamente duas ciências: linguística estática ou sincrônica; linguística cinemática ou diacrônica.²¹ (GODEL, 1969, p. 71)

18 C. [...] diachronique, pour être précis, il faudrait opposer *idiosynchrone*, car il s'agira toujours d'une langue, d'un dialecte déterminé. Il y a aura donc deux enchaînements des faits, représentés par deux axes; dans l'un et l'autre, on aura à s'occuper d'unités. Les unités diachroniques ne sont pas fixes, elles s'établissent d'un moment à l'autre... La langue, interprétant ce qu'elle a reçu, modifie la répartition des unités – ici sans le moindre changement phonétique. L'ordre diachronique, c'est le déplacement des valeurs, donc des unités significatives; l'ordre idiosynchrone, c'est l'équilibre des valeurs tel qu'il s'établit de moment en moment: il s'opposent comme *cinématique* (ou évolutif) et *statique*.

19 D. Il faudra distinguer le phénomène diachroniques et le phénomène synchronique, longtemps confondus par les linguistes, mais de nature radicalement différente. Exemple: mauvaise interprétation du rapport *capio: percipio*, mêlant au phénomène synchronique le phénomène diachronique, plus frappant. L'alternance *a/i*, rapport synchronique, contribue à la signification, qui est une *opposition fondée sur une différence plus ou moins régulière*. Le phénomène synchronique est conditionné (mais non créé par le diachronique... Dans le phénomène diachronique, les termes sont successifs et identiques; dans le synchronique, simultanés et différents; opposés – donc non identiques.

20 E. [...] pour se rendre compte de ce qui existe dans un état de langue, le mieux est de faire abstraction du passé. Paradoxe, mais paradoxe vrai: les signes de la langue ont leur valeur fixée par ce que coexiste, non par ce qui précède...

21 F. Il y aura donc, nécessairement, deux sciences: linguistique statique ou synchronique; linguistique cinématique ou diachronique.

G. Os fatos diacrônicos sendo assim eventos, é possível falar de leis ? Não há leis nesse caso porque tudo é particular...Pode-se falar sim de leis fonéticas; mas é preciso distinguir a lei fonética da lei sincrônica. Exemplos de leis sincrônicas (ordem das palavras em francês, limite do acento tônico em grego; no antigo eslavo, toda palavra termina com vogal) e de mudanças fonéticas. O termo da lei implica duas características: 1) regularidade, ordem; 2) necessidade imperativa. A lei sincrônica é a primeira, e a ordem que ela define é precária (as línguas eslavas perderam as vogais finais). A lei fonética é imperativa, no sentido em que ela age com regularidade. Mas sobre quais unidades? Não sobre as palavras, que não são comparáveis aos indivíduos de uma espécie, mas sobre um único som.²² (GODEL, 1969, p. 71)

H. Todos os objetos a ser estudados formam dois domínios : o ou os campos sincrônicos, o campo diacrônico aos quais correspondem perspectivas e métodos diferentes.²³ (GODEL, 1969, p. 72)

I. Se o campo diacrônico coincidir com o fonético, contrastar-se-ia diacrônico (= não gramatical) e sincrônico (=gramatical). Mas tudo o que entra na sincronia, sintagmas, associações, não têm sua história? Aqui a oposição se torna menos evidente. Boa parte das mudanças consideradas gramaticais desembocam em mudanças fonéticas (ex.: compostos do tipo de *Springbrunnen*, *Bethaus*; plur. Do tipo de *men*, *feet*),o que não pode ser confundido com o estado gramatical que resulta disso. Mas a história de um grupo associativo (uma declinação) ou de um sintagma (*prendre ai > prendrai*) é feita de vários fenômenos, em parte fonéticos, mas que deixam um resíduo que parece justificar sua história gramatical. A questão não é absolutamente clara.²⁴ (GODEL, 1969, p. 74) (os itálicos são do autor)

22 G. Les fait diachronique étant ainsi des événements, est-il possible de parler de lois? Il n'y a pas de loi puisque tout est particulier... On parler bien de lois phonétiques; mais il faut opposer la loi phonétique à loi synchronique. Exemples de lois synchroniques (ordre des mots en français; limite de l'accent tonique en grec; en vieux slave, tout mot finit par une voyelle) et de changements phonétiques. Le terme de loi implique deux caracteres: 1) régularité,ordre; 2) necessite impérative. La loi synchronique n'a que le premier, et l'ordre qu'elle définit est précaire (les langues slaves ont perdu des voyelles finales). La loi phonétique est impérative, en ce sens qu'elle agit avec régularité. Mais sur quelles unités? Non pas sur les mots, qui ne sont pas comparables aux individus d'une espèce, mais sur un seul son

23 H. Tous les objets à étudier forment deux domaines: le ou les champs synchroniques, le champ diachronique, à quoi correspondent des perspectives et des méthodes différentes.

24 I. Si le champ diachronique coïncidait avec la phonétique, on opposerait diachronique (= non grammatical) à synchronique (= grammatical). Mais tout ce qui entre dans la synchronie, syntagmes et associations, n'a-t-il pas son histoire? Ici, l'opposition devient moins évidente. Bien des changements tenus pour grammaticaux se résolvent certes en changements phonétiques (ex.: composés du type *Springbrunnen*, *Bethaus*; plur. Du type *men*, *feet*), qu'il ne faut pas confondre avec l'état grammatical qui en résulte. Mais l'histoire d'un groupe associatif (une déclinaison) ou d'un syntagme (*prendre ai > prendrai*) est faite de plusieurs phénomènes, en partie phonétiques, mais laissant un résidu qui semble justifier une histoire grammaticale. La question n'est pas absolument claire.

É claro assim que, de acordo com as fontes manuscritas, a pesquisa linguística não pode se passar de estabelecer a divisão central da sincronia e diacronia. De fato, os trechos acima comprovam que se trata para Saussure de duas linguísticas, com métodos e objetivos próprios. Para fazer isso, levou-se em conta a questão das identidades nos dois domínios, isto é, na sincronia, ocupamo-nos dos termos coexistentes que são definidos por meio da noção de valor; enquanto, na diacronia, trata-se de verificar a relação entre termos sucessivos. Como se lê no trecho G acima, a noção de lei ganha significado diferente quando se consideram os dois domínios: só através da lei de mudança sonora, pode-se dizer que estamos diante de uma identidade diacrônica, o que o fez tentar reduzir a linguística histórica a uma teoria das mudanças sonoras. Esse é o sentido de sua afirmação de que “não há gramática histórica” (“il n’y a pas de grammaire historique”) (GODEL, 1969, p. 74), ou seja, o que é sincrônico é gramatical e o que é diacrônico é não gramatical; cf. trecho I acima; embora a questão, como ele mesmo diz, não seja “claire”.

A originalidade de Saussure consiste na proposta de que é possível fazer linguística sem levar em consideração o passado de uma língua, como se vê no trecho E acima, isto é, podem-se definir os signos uns em relação aos outros, baseando-se no valor que adquirem por meio do sistema da *langue*.

Vê-se também que a alegada supremacia da perspectiva sincrônica sobre a perspectiva diacrônica não é, de acordo com as fontes manuscritas, reivindicada explicitamente pelo genebrino. Fala-se tão somente acerca da possibilidade de se fazer descrição de um estado da *langue*, sem qualquer consideração sobre sua evolução, o que nos permite afirmar que esta supremacia foi, na verdade, deduzida do sistema de pensamento saussuriano pela recepção do *Cours*. Vejamos esse último ponto mais em detalhe na seção seguinte.

A Dedução da Supremacia da Sincronia sobre a Diacronia

A dedução da supremacia da sincronia deve ter sido viabilizada, de início, por meio da afirmação do *Cours* de que o objeto preferencial da linguística é a *langue*. No texto do *Cours*, lê-se o seguinte (SAUSSURE, 1985, p. 25):

é preciso se colocar à primeira vista sobre o terreno da *langue* e tomá-la por norma de todas as outras manifestações da linguagem.²⁵

Essa primazia dada à *langue* é confirmada nas fontes manuscritas. No curso do genebrino dado no ano de 1910-1911, encontra-se a passagem que se segue (GODEL, 1969, p. 95):

É preciso de início separar da faculdade da linguagem a língua, produto social, instituição semiológica: **ai está o objeto da linguística**. Mas esse produto social se manifesta por uma grande diversidade de línguas. É preciso portanto começar pelo que é dado: as línguas; depois tirar daí o que é universal: a *langue*. Somente após isso, ocupar-se-á da linguagem dos indivíduos.²⁶ (itálico do autor; negrito meu)

É preciso levar em conta, porém, que, ao tornar discreta a *langue* como objeto da linguística, Saussure tinha em mente separá-la da *parole*, o que permite, dos fatos diversificados da linguagem, separar o social e o individual bem como o essencial e o acidental. Sua conclusão é que a *langue*, distinta da *parole*, é um objeto que se pode estudar separadamente. Assim, quando no texto do *Cours* se lê que a *langue* deve ocupar o “primeiro lugar” (“première place”) dentre os fatos de linguagem (p. 25), é por oposição ao uso.

Mas o que deve ser entendido por objeto no trecho acima?

Saussure distingue *objet de matière*. A matéria do estudo científico da linguagem são todas as manifestações orais ou escritas da linguagem humana (cf. SAUSSURE, p. 20; GODEL, 1969, p. 95), enquanto seu objeto, como vimos, é a *langue*. De Mauro (1985), que segue de perto Hjelmslev (1971 [1959], p. 163), sublinha a importância da distinção entre matéria e objeto. Saussure toma este último como “finalité” de uma atividade. Assim, para De Mauro, Saussure não considera a *langue* como a coisa da qual, excluindo todas as outras, a linguística deve se ocupar, mas como o *objectum*, no sentido escolástico, da pesquisa linguística, isto é, partindo de tudo que é linguístico, ter como procedimento estabelecer o sistema que é subjacente a esse tudo que é linguístico. Ainda segundo De Mauro, foi tomar objeto no sentido de

25 il faut se placer de prime abord sur le terrain de la langue et la prendre pour norme de toutes les autres manifestations du langage.

26 Il faut d'abord séparer de la faculté du langage la *langue*, produit social, institution sémiologique: **là est l'objet de la linguistique**. Mais ce produit social se manifeste par une grande diversité de langues. Il faut donc commencer par ce qui est donné: les langues; puis, en tirer ce qui est universel: la langue. Alors seulement, on s'occupera du langage chez les individus.

matéria que provocou o equívoco de interpretação de atribuir a Saussure uma visão excludente da linguística, isto é, como se só o interessasse se ocupar da *langue* e não do universo integral dos fatos de linguagem.

A proposta da *langue*, como objeto da linguística, em oposição a *parole*, é estabelecida no capítulo III, da introdução do *Cours* (cf. SAUSSURE, 1985, p. 23-35). Já a distinção entre a sincronia e a diacronia é desenvolvida mais adiante, numa primeira abordagem, no capítulo III da Primeira parte do livro, isto é, nas páginas 114-140. Nesse capítulo, na página 124, encontra-se o trecho seguinte:

A língua é um sistema cujas partes podem e devem ser consideradas em relação à solidariedade sincrônica que mantêm entre si. Já que as alterações não se fazem jamais sobre o bloco do sistema mas sobre um ou outro desses elementos, elas só podem ser estudadas fora dele. Sem dúvida, cada alteração tem seu efeito sobre o sistema...Esta diferença de natureza entre termos sucessivos e termos coexistentes, entre fatos parciais e fatos referentes ao sistema impede de fazer de uns e de outros a matéria de uma única ciência.²⁷ (negritos meus)

Esse trecho, seguramente, deve ter servido de apoio para que se propusesse a supremacia da sincronia. Ora, como se vê, afirmam-se a possibilidade e a necessidade de se estabelecer a *langue* excluindo a evolução de uma língua. No entanto, de acordo com Engler (1970, apud De MAURO, 1985, p. 455; n. 183), a proposição “só podem ser estudados fora dele” (do sistema), contida no trecho acima, é um acréscimo dos editores: as alterações são certamente externas ao sistema, não determinadas por ele nem de maneira causal nem de maneira teleológica, mas tendo “seu efeito sobre o sistema” Portanto, não se exclui considerar a relação entre as mudanças e o sistema, isto é, as mudanças têm um efeito no sistema ou entram no sistema de forma ordenada. Segundo De Mauro (1985, p. 454), o pensamento de Saussure é bastante claro a esse respeito: as mudanças nascem acidentalmente e sem finalidade; elas atingem um item (ou uma classe de itens) não no intuito de fomentar uma organização diferente do sistema, mas, já que a *langue*, graças à analogia, tende ao sistema, as mudanças vão, enfim, condicioná-lo.

²⁷ **La langue est un système dont toutes les parties peuvent e doivent être considérées dans leur solidarité synchronique.** Les altérations ne se faisant jamais sur le bloc du système mais sur l'un ou l'autre de ces éléments, ne peuvent être étudiées qu'en dehors de celui-ci... Cette différence de nature entre termes successifs et termes coexistants, entre faits partiels et faits touchant le système, interdit de faire des uns et des autres la matière d'une seule science.

A opinião de De Mauro (1985) coincide, por outro lado, com a dos editores do *Cours* (SAUSSURE, 1985), que, na nota 1 da página 197, reivindicam a seguinte interpretação do pensamento do mestre:

Lembramos que um novo uso começa sempre por uma série de fatos individuais... Poder-se-ia admitir que o autor [isto é, Saussure] recusasse a esses fatos o caráter de fatos gramaticais, no sentido em que um ato isolado é forçosamente alheio à langue e a seu sistema, o qual só depende do conjunto de hábitos coletivos. Tanto é verdade que os fatos pertencem à parole que eles são apenas maneiras especiais e inteiramente ocasionais de utilizar o sistema estabelecido. É apenas no momento em que uma inovação, frequentemente repetida, se grava na memória e entra no sistema que se obtém o efeito de deslocar o equilíbrio dos valores e a langue se torna *ipso facto* e espontaneamente modificada. Poder-se-ia aplicar à evolução gramatical o que é dito...acerca da evolução fonética : seu vir a ser é exterior ao sistema, porque este nunca é percebido na sua evolução ; nós o encontramos diferente a cada momento.²⁸

Essa interpretação é proposta para explicar, na mesma nota supramencionada, a razão de Saussure nunca ter abordado, nos seus cursos, a linguística da *parole*, que é também um dos fatos que sustentam a visão da supremacia da sincronia sobre a diacronia. Vejamos este último aspecto mais de perto.

Como já vimos, Saussure atribui à *langue* “o primeiro lugar” (“la première place”) nos estudos da linguagem. Assim, todos os elementos da linguagem, que constituem a *parole*, vêm naturalmente se subordinar a essa “primeira ciência” (“première science”) (SAUSSURE, 1985, p. 36), ainda que dedutível do princípio da arbitrariedade do signo (cf. De MAURO, 1985, p. 420, nota 65). Agora, uma vez que na *parole* se encontra a fonte de todas as mudanças, o texto do *Cours* afirma que “tudo o que é diacrônico na langue só o é por meio da parole” (“tout ce qui est diachronique dans la langue ne l’est que par la parole”) (p. 138)

28 On se souvient qu’un nouvel usage commence toujours par une série de faits individuels...On pourrait admettre que l’auteur [isto é, Saussure] refusait à ceux-ci le caractère de faits grammaticaux, en ce sens qu’un acte isolé est forcément étranger à la langue et à son système lequel ne dépend que de l’ensemble des habitudes collectives. Tant que les faits appartiennent à la parole, ils ne sont que des manières spéciales et tout occasionnelles d’utiliser le système établi. Ce n’est qu’au moment où une innovation, souvent répétée, se grave dans la mémoire et entre dans le système, qu’elle a pour effet de déplacer l’équilibre des valeurs et que la langue se trouve *ipso facto* et spontanément changée. On pourrait appliquer à l’évolution grammaticale ce qui est dit ... de l’évolution phonétique: son devenir est extérieur au système, car celui-ci n’est jamais aperçu dans son évolution; nous le trouvons autre de moment en moment.

Assim, já que a *langue* tem prioridade sobre a *parole*, pode-se estabelecê-la sem se levar em conta a evolução da língua e, ainda, como a evolução de uma língua se dá pelo uso, é fácil inferir que o estudo sincrônico deve ter também sua primazia sobre o estudo diacrônico.

Essa tomada de posição é perfeitamente compatível com o sistema de pensamento de Saussure, embora não haja por ele, de fato, exclusão da diacronia: o genebrino distingue duas ciências ou duas linguísticas, com dois objetos diferentes; e, a favor da não exclusão da diacronia, pode-se considerar ainda o fato de que a linguística diacrônica ocupa toda uma terceira parte do *Cours*.

Como se viu, a primazia da sincronia é na realidade deduzida, de forma coerente, do sistema de pensamento de Saussure, o que não permite, porém, afirmar, como colorário, que a perspectiva diacrônica seja excluída pelo genebrino. Além disso, em lugar de “exageros” dos editores do *Cours*, é preciso salientar, na realidade, de acordo com Godel (1969, p. 11), que o cotejamento das fontes manuscritas com o texto do *Cours* mostra-nos a consciência e a inteligência que Bally e Secheyaye, na imensa maioria das vezes, colocaram a serviço do pensamento do mestre.

A recepção da antinomia Sincronia/Diacronia

Como expusemos no preâmbulo, diversos autores, a partir da publicação do *Cours*, manifestaram-se a favor da superação da antinomia sincronia/diacronia. A recusa da antinomia se ancora na constatação, que, aliás, tem a natureza de um truísmo, de que a linguagem é um fenômeno em constante mutação, o que nos faz crer que a alegada insuficiência da antinomia, a partir desta ótica, é baseada, como comentaremos, na perspectiva *realista* como postura diante da natureza dos construtos teóricos.

Apresentemos a recepção da antinomia pelos autores mencionados.

Jakobson

São os jovens linguistas de Praga que inauguram o debate nas “thèses” de 1929, publicadas nas Atas do Primeiro Congresso Internacional de Linguistas, em Haia. Eles atacam, sobretudo, a concepção antiteleológica do sistema e

sustentam que as modificações por que passa uma língua se devem à reorganização do próprio sistema, isto é, contrariamente ao que pensava Saussure, a mudança tem uma finalidade. Vejamos em detalhe o texto das “thèses” sobre nossa questão. Na tese 1b, lê-se o seguinte (TOLEDO, 1982, p. 82-3):

A concepção da língua como sistema funcional deve ser levada também em consideração no estudo dos estados linguísticos passados, quer se trate de reconstruí-los, quer se trate de constatar a sua evolução. *Não poderíamos erguer barreiras intransponíveis entre os métodos sincrônico e diacrônico*, como o faz a Escola de Genebra. Se, em linguística sincrônica, os elementos do sistema da língua são considerados do ponto de vista das suas funções, também as mudanças sofridas pela língua não podem ser julgadas sem que se tenha em conta o sistema afetado por tais transformações. Seria um erro supor que as mudanças linguísticas constituem apenas ataques destrutivos que se produzem ao acaso, do ponto de vista do sistema, heterogêneos. *As transformações linguísticas visam [sic] muitas vezes o sistema, sua estabilização, sua reconstrução, etc. Assim, o estudo diacrônico não só não exclui as noções de sistema e de função, como torna-se [sic], ao contrário, incompleto, se não as toma em consideração.*

De outra parte, a descrição sincrônica também não pode excluir a noção de evolução; pois, até mesmo num setor considerado do ponto de vista sincrônico existe a consciência da fase em vias de desaparecimento, da fase presente e da fase em formação. Os elementos estilísticos percebidos como arcaísmos e, em segundo lugar, a distinção entre formas produtivas e não produtivas são fatos de diacronia que não poderíamos eliminar da linguística sincrônica. (itálicos meus)²⁹

Nesse trecho, encontram-se os pontos centrais de crítica à antinomia sincronia/diacronia que serão desenvolvidos por Jakobson e também por outros autores que discutiram sua fundamentação.

Como se vê, afirma-se explicitamente a necessidade de um programa de investigação que não erija uma separação tão nítida entre as perspectivas da sincronia e da diacronia. No caso de Jakobson, seu ataque à antinomia é explícita no texto *Remarques sur l'évolution phonologique du russe comparée à celles des autres langues slaves*. Nesse trabalho, o autor desenvolve sua concepção teleológica da mudança linguística, ou seja, considera que as mudanças não são fortuitas, ocorrendo para “equilibrar” o sistema.

Observe-se o trecho seguinte (JAKOBSON et al., 1929, p. 17):

29 De acordo com Carta de 2 de julho de 1969, escrita em Harvard, Jakobson garante que o esboço da tese 1 foi preparada por ele próprio (TOLEDO, 1982, p. 104).

Para ele [Saussure], as mudanças se produzem sem qualquer intenção, elas são fortuitas e involuntárias, certos elementos são alterados sem ter em conta a solidariedade que os une ao todo e, conseqüentemente, só podem ser estudados fora do sistema... Assim, abre-se um fosso profundo entre a linguística diacrônica e a linguística sincrônica, a brilhante comparação de Saussure entre o jogo da langue e uma partida de xadrez perde sua força persuasiva se nos alinharmos à opinião de Saussure que afirma que a langue não premedita nada e que suas peças se deslocam fortuitamente. Esta afirmação nos faz apresentar a história dos sons de uma língua dada como uma seqüência de perturbações e de deteriorações cegas causadas por fatores extrínsecos. Do ponto de vista do sistema fonológico, essas ações desordenadas seriam apenas acidentes incômodos e absolutamente sem objetivo.³⁰

Contra esse estado dos fatos, Jakobson se levanta para propor que “em qualquer ponto onde tenha acontecido um processo destrutivo, ele é necessariamente seguido de uma reação ativa...” (“partout où un procès destructeur a eu lieu, il est nécessairement suivi d’une réaction active”) (JAKOBSON et al., 1929, p. 18). O que faz com que tenhamos necessidade de

toda uma série de inovações visando a restabelecer a estabilidade e o equilíbrio do sistema fonológico...A langue se esforça, em caso de haver deteriorações, de sustentar e de restaurar a nitidez e a flexibilidade, não somente do vocabulário, mas também, diretamente do sistema fonológico...³¹ (JAKOBSON et al., 1929, p. 18)

Vejamos um exemplo hipotético acerca da reação do sistema a uma mudança sonora. O exemplo é, na verdade, de Sapir (1968, p. 143 e seguintes [1921]), que, antes de Jakobson, se ateu à dependência das mudanças sonoras em relação ao sistema: se, no conjunto de sons *p, t, k*, o primeiro *p* se transformou em *b*, o resultado é a série assimétrica *b, t, k*. Para voltar à simetria anterior de três oclusivas do mesmo tipo, sem cancelar a mudança sofrida, a

30 Pour lui [Saussure], les changements se produisent en dehors de toute intention, ils sont fortuits et involontaires, certains éléments sont altérés sans égard à la solidarité qui les lie au tout et, en conséquence, ne peuvent être étudiés qu’en dehors du système...Ainsi se creuse un fossé profond entre la linguistique diachronique et la linguistique synchronique, la brillante comparaison de Saussure entre le jeu de la langue et une partie d’échecs perd sa force persuasive si l’on se range à l’opinion de Saussure affirmant que la langue ne prémédite rien et que ses pièces se déplacent fortuitement. Cette affirmation nous fait présenter l’histoire des sons d’une langue donnée comme une suite de troubles et de détériorations aveugles causées par des facteurs extrinsèques. Du point de vue du système phonologique, ces actions désordonnées ne seraient que des cambriolages fâcheux et absolument privés de but.

31 toute une série d’innovations visant à redonner au système phonologique sa stabilité et son équilibre... La langue s’efforce, en cas de détériorations, de soutenir et de restaurer la netteté et la souplesse, non seulement du vocabulaire, mais aussi, directement du système phonologique...

solução é a transformação das duas oclusivas surdas em sonoras, obtendo-se *b, d, g*, o que restabelece a homogeneidade perdida. Foi assim essa ideia que Jakobson explorou em detalhe tomando como objeto empírico o sistema fonológico do russo.

A outra razão que levou Jakobson a se interrogar acerca da distinção sincronia/ diacronia se deve à constatação de que, num dado momento de uma língua, os falantes têm consciência de sua evolução já que conseguem distinguir que formas são inovadoras e que formas são conservadoras, pretendendo com isso demonstrar que o sistema linguístico não pode se passar de levar em conta as mudanças por que passa uma língua. Considerando que um sistema sincrônico é um sistema existente, num dado momento, na consciência linguística dos falantes como precondição da fala, Jakobson propõe que a forma mais característica de projeção da diacronia na sincronia é a atribuição de uma função diferente aos dois termos de uma mudança. Assim,

[...] uma mutação pode ser um fato de sincronia mesmo sem transposição nas categorias especificamente sincrônicas, uma mutação pode ser concebida, num momento dado, como tal pela coletividade dos falantes. Há estilos de pronúncia, variantes gramaticais, palavras, volteios, que são interpretados, por uma coletividade de falantes como fazendo parte e apropriados a uma geração de pessoas idosas, e outros, ao contrário, que são considerados como o apanágio da juventude ou como o último grito da moda... Não se teria razão em negar a existência, do ponto de vista da linguística sincrônica, da diferença entre as formas produtivas e as formas improdutivas e em excluir, desta linguística, a noção de arcaísmo.³² (JAKOBSON et al., 1929, p. 19-20)

Vejam os um exemplo de Jakobson (1953, apud HOLENSTEIN, 1975, p. 85), que provém da sua própria experiência:

Trata-se de uma transformação surpreendente, sobrevinda no sistema vocálico do russo corrente. Em posição não acentuada, especialmente pré-tônica, os dois fonemas /e/ e /i/ eram distinguidos pela geração dos nossos filhos, estes dois fonemas fundiram-se num só, /i/. Para a geração intermediária, a dos nossos pais, a distinção era facultativa...

32 [...] une mutation peut être un fait de synchronie même sans transposition dans des catégories spécifiquement synchroniques, une mutation peut être conçue à un moment donné comme telle par la collectivité des sujets parlants. Il y a des styles de prononciation, des variantes grammaticales, des mots, des tournures, qui sont interprétés, par une collectivité de sujets parlants, comme appartenant et convenant à la génération des gens âgés, et d'autres au contraire qui sont considérés comme l'apanage de la jeunesse ou comme le dernier cri de la mode... On n'aurait pas raison de nier l'existence, du point de vue de la linguistique synchronique, de la différence entre les formes productives et les formes improdactives, et d'exclure de cette linguistique la notion d'archaïsme.

quando o factor temporal entra em jogo num sistema de valores simbólicos tal como a linguagem, torna-se ele próprio um símbolo e pode ser utilizado como meio estilístico. Por exemplo, quando falamos de um modo mais conservador, empregamos as formas mais arcaicas. No russo de Moscovo, a geração dos nossos pais não empregava, na conversação familiar, a distinção entre /e/ e /i/ não acentuados: seguia sim a nova moda de confundir os dois fonemas para dar a impressão de ser mais jovem do que na verdade era.

A descrição de Jakobson deixa entender que ele tinha consciência de que, caso utilizemos os termos atuais da Teoria da Variação, a distribuição de variantes de acordo com a idade, no russo de seu tempo em Moscou, pode indicar uma mudança em progresso, analisada, como se sabe, no quadro teórico citado, por meio da noção de *tempo aparente*. É possível também que o fenômeno citado não passe de um processo de *gradação por idade* (*age-grading*), isto é, uma variação no comportamento linguístico dos indivíduos que se repete a cada geração. Qualquer que seja a opção de análise, Jakobson é o primeiro a explicitar que o fenômeno da variação linguística, oriundo, é claro, da *parole*, que, como vimos, nunca foi abordada por Saussure em seus cursos (cf. SAUSSURE, p. 197, n. 1), tem o potencial de nos fazer reavaliar a perspectiva antinômica do par sincronia/diacronia. Como veremos adiante, essa visão dos fatos foi desenvolvida por Weinreich, Labov e Herzog. Mas comentemos, antes disso, a reflexão de Coseriu sobre nosso tema.

Coseriu

No livro *Sincronia, Diacronia e História*, Eugenio Coseriu examina o problema da mudança linguística, já que não se trata de estudar os tipos de mudanças em uma ou várias línguas, mas de discutir o que podemos chamar de problema filosófico ou lógico da mudança, isto é, entender a natureza mutável da língua a despeito da expectativa, contrária, de sua imutabilidade.

O autor recusa, assim, a formulação do problema da mudança linguística em termos da pergunta: *Por que as línguas mudam?* Para ele, a mudança não pode ser colocada em termos causais, uma vez que pressupõe certa “estaticidade natural” perturbada pelo devir que seria contrário à essência da língua. Essa visão se deve à concepção, por exemplo, de Malberg (1945, apud COSERIU, 1958, p. 15) de que a língua seria “sincrônica por definição” e que considerá-la instável, isto é, como algo que muda e evolui, é incompatível com a própria

noção de língua, tal qual compreendida por Saussure. Essas afirmações têm origem, portanto, na concepção saussuriana de que “o sistema é imutável”, que, como vimos, decorre da antinomia sincronia/diacronia.

Coseriu visa a combater essas ideias defendendo a radical mutabilidade da língua e “que, precisamente, a antinomia sincronia/diacronia não pertence ao plano do objeto, e sim, ao plano da investigação: não se refere à linguagem, mas à linguística” (COSERIU, 1958, p. 17). Ele é contrário, assim, à ideia de que “a descrição do sistema e a descrição do sistema em movimento se colocam necessariamente em duas perspectivas distintas: não se trata aqui da realidade da língua, mas da atitude do investigador: “o que é independente da diacronia é a descrição sincrônica, não o estado de língua real que é sempre ‘resultado’ de outro estado anterior e, para o próprio Saussure, é produto de fatores históricos” (COSERIU, 1958, p. 20).

O que é inadequado para Coseriu, então, é entender a sincronia como se referindo à língua real de uso dos falantes, que é constantemente mutável e, portanto, resultado dos seus usos anteriores. “A distinção entre sincronia e diacronia não pertence à teoria da linguagem (ou da língua), mas à teoria da linguística. Saussure não fez ontologia, mas *metodologia*” (COSERIU, 1958, p. 27; *itálico do autor*).

Nesse trecho, ficam-nos claras as escolhas de Coseriu que dizem respeito às suas posições epistemológicas. É a partir dessas escolhas que ele faz sua crítica a Saussure. Note-se, de início, que ele distingue o objeto da teoria linguística, que é suposto ser real, isto é, a língua ou as línguas históricas e a teoria acerca desse objeto. Para ele, há uma inadequação entre o que Saussure propõe, isto é, a antinomia sincronia/diacronia, e a “realidade” da língua. Ele está pronto a aceitar alguma “simplificação convencional” ou metodológica, mas apenas para permitir o acesso ou facilitar a análise de fatos da língua, mas não no que concerne à teoria, que deverá se adequar ao objeto investigado. Ou seja, “a teoria não deve olvidar as simplificações operacionais que realizou e não deve confundir as convenções com a realidade” (COSERIU, 1958, p. 219, n.71). Assim, a dicotomia saussuriana é inadequada, ou falsa, pois não corresponde à verdade da língua ou à sua radical historicidade.

Como comentamos na última seção, esta concepção de Coseriu pode ser caracterizada como uma posição realista, ao passo que, quando Saussure propõe suas antinomias e afirma que o ponto de vista cria o objeto, está afinado, neste ponto, com a posição *instrumentalista* no que concerne à natureza dos

construtos teóricos, isto é, trata-se de instrumentos metodológicos com os quais interrogamos e lidamos com o que é suposto existir. A oposição de Coseriu a Saussure é fundamentada, portanto, no interior de sua opção realista. Não há então como haver acordo, já que o mundo de crenças dos dois autores, no que concerne à natureza da relação entre a teoria e os objetos dos quais ela deve se apropriar, é radicalmente distinto.

É sua opção pelo realismo que leva Coseriu a dizer ainda que, mesmo no plano da investigação, ou da metodologia, em que a dicotomia é proposta, ela, segundo ele, “pode ser superada na e pela história” (COSERIU, 1958, p. 18).

Coseriu considera, em primeiro lugar, que a tentativa dos linguistas de Praga, especialmente Jakobson, de superar a dicotomia, por meio do que acabou sendo conhecido por estruturalismo diacrônico, não logrou sucesso. E isso porque conseguiu, no máximo, demonstrar que as mudanças linguísticas são condicionadas pela *langue*, ou seja, elas são sistemáticas, o que corrige o caráter heterogêneo e fortuito da diacronia na visão de Saussure, mas, de acordo com o autor, continua a preservar a antinomia como uma oposição real. Segundo ele ainda, “a antinomia saussuriana não é superada, em seu alcance real, se se continua mantendo de alguma maneira a concepção estática da língua e se se continua considerando a língua histórica [isto é, o português, o inglês...] como um conjunto de ‘estados de língua’ ordenados no tempo” (COSERIU, 1958, p. 188-189).

Além disso, nosso autor trava um combate severo com a concepção teleológica da mudança linguística, oriunda, como vimos, também de Praga, no sentido de que não se pode atribuir intencionalidade, ou ainda uma necessidade interna, ao sistema da língua. A tentativa teleológica se deve a uma visão errônea em relação à ideia de leis que regulam a evolução das línguas. Para ele, as leis refletem, no máximo, *como* se dão as mudanças e não *por que* elas ocorrem. E isso se deve à sua visão de que a evolução linguística não é um objeto da natureza, mas a construção de um objeto cultural/social e que, por conseguinte, só pode ser motivada pelas intenções e necessidades dos falantes e não por condições internas ou externas.

Para ele, a superação da antinomia, que é enunciada em termos de um programa de investigação, já que não é fornecida análise de fenômenos particulares que a sustente, deve levar em conta a contínua construção das línguas históricas, ou ainda, “só a história pode prestar contas cabalmente da realidade dinâmica duma língua, considerando-a como ‘sistema que é feito’

e, a cada instante de seu desenvolvimento, como atualidade duma tradição” (COSERIU, 1958, p. 231). Para isso, é preciso considerar não apenas a mudança acabada, como o fez Saussure, isto é, na concepção desse último, a mudança é substituição de um elemento por outro, mas “o mudar como tal, a mudança em marcha” (COSERIU, 1958, p. 217). Disso decorre a crítica de Coseriu à noção de *état de langue*, que exclui o caráter gradual da mudança e é uma simplificação metodológica que não pode se aplicar à realidade das línguas históricas (cf. nossa conclusão).

Para ele, enfim, a “língua se faz, mas o seu fazimento é um *fazimento histórico*, e não cotidiano: é um fazimento num quadro de permanência e de continuidade” (COSERIU, 1958, p. 237, *italico do autor*). Dito de outra maneira, o que garante a funcionalidade da língua como objeto histórico é o fato de, concomitantemente, permanecer o que ela é enquanto incorpora novos recursos, ou seja, só percebemos que ocorre mudança porque há permanência. É disso que a teoria linguística deve tratar.

Essas ideias vão inspirar outros autores como veremos adiante, no texto de Weinrich, Labov e Herzog.

Vidos

É no seu *Manual de Linguística Românica* que o romanista elabora, no item III do quarto capítulo intitulado *Língua e Linguagem. Linguística Sincrônica e Diacrônica*, sua posição em relação à antinomia saussuriana.

De acordo com o autor, com base na antinomia, Saussure estabelece as seguintes propostas. “Primeiro: dado que para o falante não existe a sucessão dos fatos linguísticos no tempo e que aquele está colocado frente a uma situação linguística determinada, o aspecto sincrônico deve ser colocado antes do diacrônico. Segundo: o método sincrônico e o diacrônico devem estar nitidamente separados um do outro; sua contraposição é ‘absoluta’, ‘irredutível’, ‘sem compromisso’. Terceiro: a diferença entre os dois métodos é fundamental, porque o método sincrônico se ocupa dos sistemas linguísticos enquanto o diacrônico examina a história dos elementos particulares da linguagem.” (VIDOS, 1996 [1959], p. 108). Segundo Vidos, a terceira proposta deve ser repelida com base nas considerações referente à combinação dos dois métodos exigida pela “realidade linguística” (VIDOS, 1996, p. 115). O dinamismo da “realidade linguística” mostra-nos que, segundo ele, uma mudança não é um fato isolado,

particular, alheio ao sistema, mas que toda mudança, ou movimento, se faz acompanhar de uma série de outras mudanças ou movimentos. Vê-se nesta posição a suspeita, explorada por Jakobson, de que a mudança linguística, embora venha da *parole*, não é arbitrária e invisível para o sistema da *langue*. Já as duas primeiras propostas, isto é, da supremacia da sincronia e da separação dos métodos são refutadas, de acordo com o autor, pelo “método histórico-comparativo e pelo geográfico” (VIDOS, 1996, p. 108). O primeiro método comprovaria que a descrição de uma língua, na linguística românica, não pode ser realizada *de per se*, ou seja, o trabalho comparativo é inerente a essa atividade, o que, necessariamente, nos leva a considerar as dimensões dinâmica e estática. Por exemplo, no início do século XII, a oração “conquistarei cidades” se dizia no antigo francês *...conquerrai citez*, enquanto, no francês contemporâneo, emprega-se *...conquerrai des villes*, isto é, no século XII, ainda não se empregava o chamado artigo partitivo. Uma hipótese para o surgimento do partitivo é a queda do morfema *-s*, que diferencia o singular e o plural, que começou a ser mudo a partir do século XIII. O italiano vem em socorro dessa hipótese já que esta língua não emprega o partitivo com as palavras que distinguem o singular do plural, mas apenas com aquelas que fazem tal distinção: com a palavra *città*, que é invariável no plural, o antigo francês *conquerrai citez* é traduzido por *conquisterò delle città*, com o partitivo, como no francês contemporâneo; por outro lado, quando há distinção entre o singular e o plural, como em *villaggio/villaggi*, o partitivo não é usado: *conquisterò villaggi*. Este tipo de exemplo atesta, segundo Vidos, a obrigatoriedade da perspectiva comparativa na romanística, o que inviabiliza adotar as duas hipóteses de Saussure, isto é, a supremacia da sincronia e a separação radical dos métodos.

Uma conclusão similar é extraída da perspectiva da geografia linguística. Baseando-se no trabalho de Gilliéron, que propõe uma metodologia para descrição da distribuição espacial ou geográfica das palavras, Vidos sustenta que também esse tipo de fenômeno inviabiliza as duas hipóteses saussurianas mencionadas. Gilliéron, um dos pioneiros da dialetologia e dos estudos de variação linguística numa perspectiva mais contemporânea, analisou a genealogia das formas que significam *abelha* em francês. Segundo o Atlas Linguístico da França, existem, no território galo-românico, as seguintes denominações para aquele inseto: 1) *é, és, a* (em zonas marginais completamente separadas no norte da França e na Suíça); 2) *mouche à miel* (no norte da França sobre um extenso território triangular);

3) *avette* (a oeste); 4) *mouchette* (a leste) e 5) *abeille* (ao sul do Loire até os Pirineus e o Mediterrâneo e dos Alpes até o Ródano, franço-provençal *aveille*). Ao lado destes tipos, ocorrem as formas *mouche*, *essaim*, *esette*, *ruche*, etc., em pequenas regiões. Segundo Gilliéron, a presença das formas monossilábicas *é*, *és*, *a*, nas ditas zonas marginais, mostra que a palavra originária para o conceito de *abelha* era o latim *apis* e isso em todo o território galo-românico. Prova-o a presença, no francês antigo, das formas *ef*, *és*, isto é, *abelha*, que ocorreram na região norte da França onde hoje se diz *mouche à miel*. Em conclusão: não há como realizar uma descrição apropriada desse tipo de fenômeno adotando as duas hipóteses saussurianas mencionadas.

Para Vidos, não é adequado, portanto, separar a linguística sincrônica da diacrônica. Segundo ele, “os dois métodos devem completar-se mutuamente” e “integrando-se reciprocamente também de fato, fazem-nos ver continuamente como uma situação estática surge, por um lado, da dinâmica, e como, por outro lado, pode lançar luz sobre o futuro histórico” (1996, p. 108).

Também a posição deste autor acerca da natureza dos construtos elaborados por uma teoria científica pode ser caracterizada como realista. A complementaridade alegada dos dois métodos é um sinal muito claro da nossa afirmação, isto é, para a descrição completa, correta ou verdadeira do objeto da teoria linguística não podemos deixar de considerar seus aspectos dinâmicos e estáticos. Demonstram-no ainda os seguintes trechos do autor: “O método estático-histórico e o histórico-estático nos manifestam, portanto, *a realidade linguística*” (1996, p. 110, *itálicos meus*); ou o comentário seguinte sobre a obra de Meillet: “Outro discípulo seu [isto é, de Saussure], Antoine Meillet, em oposição à doutrina abstrata de seu mestre, colocando a língua ininterruptamente em sua realidade humana, isto é, histórica, fez História Linguística e demonstrou os laços existentes entre o método sincrônico e o diacrônico” (1996, p. 111). Destacam-se, nestas passagens, o apelo à realidade humana e da língua e também a qualificação da teoria saussuriana de abstrata, ou seja, é como se a antinomia proposta, por não coincidir com a realidade da língua, fosse irreal e tivesse, no máximo, valor metodológico. Como comentário mais detalhes na última seção, a rejeição à antinomia saussuriana é gerada no interior da posição realista que, no entanto, não é compartilhada pelo linguista genebrino.

Weinreich, Labov e Herzog

É no texto *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*, de 1968, que Weinreich, Labov e Herzog (de agora em diante, WLH) fundamentam, pela primeira vez, de maneira consistente, o programa de pesquisa que se tornou a Teoria de Variação e Mudança, desenvolvida, como se sabe, sob a orientação central de William Labov. Embora essa teoria tenha encontrado sua forma madura em textos posteriores de Labov e de outros autores, no texto de 1968 são explicitadas as escolhas dos autores no que se refere à delimitação do objeto de estudo da Teoria, com todas suas implicações no que concerne à metodologia e à comprovação empírica. Faz parte dessas escolhas dos autores explicitar a insatisfação com a antinomia sincronia/diacronia e buscar criar as bases teóricas que permitam superar o paradoxo saussuriano, ou seja, defende-se que a linguística deve almejar – e é o que muitos, efetivamente, tentaram e continuam tentando – uma disciplina que fosse ao mesmo tempo estrutural e histórica.

Em primeiro lugar, os autores identificam a origem da antinomia saussuriana no trabalho de Paul. Este autor considerou, como vimos, que a língua do falante-ouvinte individual deve ser o objeto legítimo do estudo linguístico já que é só aí que encontraremos a estruturação da língua e os aspectos regulares da mudança linguística. Essa opção coloca o objeto da linguística como inerentemente mental ou psicológico e afasta naturalmente a possibilidade de se destacar a linguagem como uma construção social-histórica. Nessa visão, a mudança é vista como uma mudança no interior de um idioleto seja por razões internas ou espontâneas, como, por exemplo, em razão de uma maior comodidade dos órgãos fonadores, seja devido à interação de idioletos distintos.

Os autores apontam as insuficiências desse modelo mostrando, por exemplo, que a maior comodidade de execução dos sons não pode ser causa de mudanças já que não dá conta de explicar o momento específico em que ocorreu ou não ocorreu uma mudança e também porque certo número de falantes não promove uma mudança, ou seja, por que escolheriam uma realização menos cômoda? Além disso, o modelo de Paul estabelece uma cisão entre o individual e o social, que é irreconciliável na sua teoria, e fomenta algumas suposições também inadequadas: os dialetos são concebidos como conjuntos de idioletos idênticos e os idioletos e dialetos são vistos como homogêneos. Nessas suposições, segundo os autores, Saussure encontra a fonte para propor

a antinomia sincronia/diacronia que necessita da concepção da *langue* como um objeto homogêneo. Nas palavras dos autores (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968, p. 120-121): “To guarantee the psychological reality of the object of synchronic investigation, Saussure further requires that such an object be homogeneous”.

Este ponto é central, já que é em torno da discussão acerca da homogeneidade *versus* a heterogeneidade do objeto da linguística que WHL fundamentam sua crítica aos paradigmas estruturalistas e gerativista e lançam as bases da Teoria da Variação e Mudança. Segundo os autores, Saussure não rompeu de fato com o psicologismo de Paul. Ora, embora considerasse a *langue* como social e a *parole* como individual, ele não pode dizer nada de consistente acerca da comunidade dialetal como a matriz do desempenho particular dos falantes já que, para ele, a língua deve ser vista como homogênea e, ainda segundo WLH, Saussure considera a heterogeneidade inerente ao uso linguístico de uma comunidade não como um fenômeno ordenado, sujeito, portanto, a uma descrição sistemática, mas como imprecisão de desempenho. Portanto, mesmo propondo que a *langue* é um fato social, ele a toma como completamente homogênea.

O calcanhar de Aquiles da idealização saussuriana é, para WLH, como já havia sido percebido por Jakobson, o fato de que, num dado momento de uma língua, duas variantes podem coexistir. Os autores comentam o exemplo seguinte do inglês: em Londres, no início do século XVI, a pronúncia das palavras *mate* e *meat* encontrava-se fundida e se opunha à de *meet*, mas, no século XVII, surgiu a oposição entre *mate*, de um lado, e *meat* e *meet* de outro, o que permaneceu até os dias atuais. Wyld (1936) e Kökeritz (1953, apud WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968, p. 147) mostraram que os dois sistemas se alternaram por um longo período e que os londrinos, ou boa parte deles, tinham, muito provavelmente, consciência da classificação das escolhas como conservadora ou inovadora. Nos textos shakespearianos, por exemplo, Kökeritz encontrou evidências de que o sistema conservador era tido como fala refinada e aristocrática.

Assim, Saussure tem razão quando garante, por exemplo, que o antigo alto-alemão *gesti* (“convidados”) não está disponível na consciência dos falantes com seu equivalente moderno, isto é, *gäste*, mas é bem possível que a forma mais arcaica *gasti* tenha coexistido na mente dos usuários da língua com a variante mais inovadora *gesti*. Da mesma maneira, segundo WLH, não

foi levado em consideração pelo genebrino o caso de dialetos vizinhos cujas formas variantes estão presentes na consciência dos falantes.

A concepção da homogeneidade do objeto da nossa disciplina foi radicalizada, segundo WLH, por Chomsky quando este propõe que a teoria deve contar com a noção de falante-ouvinte ideal, que conhece a língua perfeitamente e não é afetado por lapsos, distrações, cansaço, etc.; e que se encontra numa comunidade de fala completamente homogênea (cf. CHOMSKY, 1965). Para WLH (1968, p. 100), esta concepção é “needlessly unrealistic” e é inútil construir, segundo os autores, uma teoria da mudança que tome como fundamento descrições tão desnecessariamente idealizadas e inautênticas das línguas. Pelo contrário, para eles, já que um mesmo falante pode produzir ora uma variante ora outra sob condições previsíveis, é preciso aprender a ver a língua – sincrônica ou diacronicamente – como um objeto constituído de heterogeneidade ordenada. Assim, os desvios em relação ao que o sistema homogêneo prevê não são erros aleatórios do desempenho, mas são ordenados e devem ser incluídos numa “realistic description of the competence of a member of a speech community” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968, p. 125).

É preciso assim abandonar a equiparação entre “estruturalidade” [structuredness] e homogeneidade e supor que a variação é parte da competência linguística monolíngue. Assim, encontramos formas coexistentes em qualquer comunidade de fala que são identificadas como “jeitos” ou “estilos” diferentes de falar. Na concepção de heterogeneidade ordenada, estas formas dispõem das seguintes propriedades: 1) são meios alternativos de dizer “a mesma coisa”, ou seja, oferecem a mesma informação referencial; e 2) estão disponíveis a todos os membros adultos da comunidade de fala. Para operacionalizar essa concepção, foi desenvolvido, como é notório, o conceito de *variável linguística* que é tratado por meio de uma regra variável. Esse tipo de regra retrata as condições de alternância entre uma gramática, que contém uma das realizações variáveis, e outra gramática que contém a outra realização variável.

Por fim, não levar em conta a existência de regras variáveis é falsear a verdadeira natureza das línguas, ou seja, as descrições baseadas numa concepção homogênea da língua só são possíveis fazendo-se abstração dos dados reais e não oferecem, portanto, nenhuma base racional para o tratamento da mudança linguística.

A concepção dos construtos teóricos para WLH pode ser classificada também como realista em oposição à concepção saussuriana que vê a dicotomia

sincronia/diacronia como um recurso metodológico, o que, como dissemos, classifica a posição do genebrino como instrumentalista.

Conclusão: a Antinomia Sincronia/Diacronia e as perspectivas Realista e Instrumentalista

A questão acerca da natureza ontológica dos construtos produzidos nas disciplinas científicas é uma discussão tão antiga quanto complexa. Tendo em vista que seu marco inicial, já numa perspectiva historiográfica da filosofia (cf. CATTANEI, 2005), é o livro *Metafísica*, de Aristóteles (sobretudo, os livros M e N, 2008), e que ela atravessa os séculos, encontrando como algumas das referências centrais, no último século, os trabalhos dos positivistas de Viena e de Karl Popper (1990) está, evidentemente, fora do alcance deste artigo discuti-la de forma extensa e aprofundada.

Apenas para concluir nossos comentários sobre a recepção da antinomia sincronia/ diacronia por parte dos autores cujas contribuições resenhamos acima, utilizo, com o objetivo de operacionalizar o acesso à questão ontológica dos construtos científicos, a dicotomia *realismo* e *instrumentalismo*, tal qual se encontra definida em Carr (1990).

Segundo Carr (1990, p. 1-2), grosso modo, a posição realista pode ser definida da seguinte maneira:

Uma visão realista sobre os construtos teóricos da ciência deve ser estabelecida da seguinte maneira: tais construtos devem se referir, ou escrever, realidades extrateóricas.³³

Ao passo que a posição instrumentalista pode ser estabelecida como segue:

[...] é um erro tomar construtos teóricos como sendo descritivos de alguma ‘realidade escondida’, além e acima dos dados observáveis. Em vez disso, esses construtos são mais bem analisados como instrumentos para sistematização de dados, impondo ordenação e predizendo nossas impressões de sentido (ou fenômenos observáveis).³⁴ (CARR, 1990, p. 2)

33 A realist view of theoretical constructs in science may be stated thus: such constructs may refer to, or be descriptive of, extra-theoretical realities.

34 [...] it is a mistake to take theoretical constructs as being descriptive of some ‘hidden reality’ over and above the observable data. Rather, they are best seen as instruments for systematising, imposing order on, and predicting our sense impressions (or ‘observable phenomena’).

A célebre fórmula saussuriana de que “é o ponto de vista que cria o objeto” (“c’est le point de vue qui crée l’objet”), exposta nas páginas iniciais do *Cours* (SAUSSURE, 1985, p. 23), nos autoriza a aproximar Saussure da posição instrumentalista, ainda que a caracterização exata da posição do genebrino no texto do *Cours* e no das notas manuscritas demande argumentação mais complexa que, como já pudemos antever, também não deixará de atribuir ao mestre alguma ambiguidade concernente a esse aspecto. De toda maneira, não há como negar que as dicotomias saussurianas, dentre elas, evidentemente, a antinomia sincronia/diacronia, militam a favor da posição instrumentalista. Ora, as dicotomias são instrumentos teóricos que nos dão acesso à inteligibilidade do sistema da língua, permitindo-nos fomentar questões até então não formuladas.

Parece-nos que, ainda que recuse a antinomia devido à radical historicidade das línguas, Coseriu foi, dos autores resenhados acima, o único – e também De Mauro, como se pode constatar a partir de seus comentários sobre a distinção entre *objet* e *matière* que comentamos acima – que compreendeu a antinomia com o “olhar” proposto pelo mestre: sua afirmação de que Saussure fez metodologia e não ontologia comprova-o muito bem. Os demais autores, a começar por Jakobson, o primeiro a perceber que, num dado recorte de tempo, pode-se captar usos inovadores e conservadores, o que aponta para o inerente processo de mudança linguística, acolhem a antinomia saussuriana do alto da posição realista. Dito em outras palavras, a antinomia, segundo eles, deve ser superada porque a realidade da língua é a mudança, o que Saussure, evidentemente, e como vimos, nunca recusou.

A conservação da antinomia, como instrumento teórico ou metodológico, apesar da realidade da mudança linguística, pode ser mais bem justificada e preservada, com os ganhos de inteligibilidade reconhecidos, numa teoria que consiga prever a direção do movimento de cada mudança linguística, evitando, ao mesmo tempo, pressupostos teleológicos. Obtida essa previsão, saber-se-á estabelecer se determinado fenômeno é *inovador*, *conservador* ou, digamos, “*intermediário*”;³⁵ ou, em outras palavras, é por meio de teoria, e

35 Na língua inglesa, é possível prever, por exemplo, que, no percurso de mudança por que passa a expressão da negação, construções em que um item negativo se aloca depois do verbo, como, por exemplo, *I see nobody at the party*, tem estatuto conservador; ao passo que construções em que um item negativo ocorre antes do verbo lexical como em *He didn't meet Mary at the party*, tem o estatuto que chamamos de intermediário enquanto construções, presentes em alguns dialetos orais, como *I didn't see nobody at the party*, são inovadoras (cf. LABOV, 1972; VITRAL, 1999). Ora, as três construções estão

não simplesmente por recorte de tempo, isto é, pelo estabelecimento de períodos datados, que é possível catalogar os dados da língua estabelecendo seu estatuto em relação a um percurso de mudança detectado. Essa visão dos fatos tem ainda a implicação de que a noção “*état de langue*” que aparece no *Cours* (SAUSSURE, 1985, p. 142), extraída da antinomia e definida como “um espaço de tempo mais ou menos longo durante o qual a soma de modificações ocorridas é mínima” (“un espace de temps plus ou moins long pendant lequel la somme des modifications survenues est minime”), é inadequada, levando-se em conta a recepção dos autores acima que constatam o devir natural das línguas; mas que pode ser preservada se considerarmos que “*état de langue*” não é um recorte natural da língua no tempo, e sim definida por meio de teoria que é capaz de estabelecer o estatuto ou a posição dos fenômenos no que concerne ao devir das línguas. *Ora, só se pode estabelecer a catalogação dos dados de maneira a prever a direção da mudança estando de posse da antinomia como instrumento teórico.*

Explicitar esta proposta com a qual concluímos nosso texto é uma tarefa que deixo para um trabalho futuro.

VITRAL, Lorenzo. The antinomy synchrony/diachrony: definition, valuation and contemporaneity. *Revista do Gel*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 53-94, 2010.

ABSTRACT: *This paper has two parts. In the first one, I discuss the definition of the Saussurean antinomy — synchrony/diachrony — and show that the supremacy of synchrony was coherently deduced from the system of hypothesis of the ‘Cours’ but this does not imply the exclusion of the diachronic perspective. In the second part, I present the proposals of some authors who pronounced against the antinomy and propose that their critiques have as source their ‘realist’ position.*

KEYWORDS: *Synchrony/Diachrony. Linguistic Historiography. Realism/Instrumentalism. Historical Linguistic.*

presentes, ainda que em registros e com frequências diferentes, no inglês americano contemporâneo, o que coloca, portanto, a questão de definir o ‘*état de langue*’ da gramática inglesa no que se refere à negação.

Referências

- ARISTÓTELES. **Métaphysique**. Paris: Flammarion, 2008.
- BENVENISTE, E. **Problèmes de linguistique générale**. Paris: Gallimard, 1966.
- BLOOMFIELD, L. **Language**. New York: Henry Holt, 1933.
- CARR, P. **Linguistic Realities**. An Autonomist Metatheory for the Generative Enterprise. Melbourne: Cambridge University Press, 1990.
- CATTANEI, E. **Entes matemáticos e metafísica**. São Paulo: Loyola, 2005.
- CHOMSKY, N. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1965.
- COSERIU, E. **Sincronia, diacronia e historia**. Montevideo: Revista de la Facultad de Humanidades y Ciencias. Investigaciones y estudios, Serie Filología e Lingüística, 1958.
- DARWIN, C. **A origem das espécies**. São Paulo: Martin Claret, 2004. [1859]
- DE MAURO, T. **Edição Crítica do Cours de Linguistique Générale de F. de Saussure**. Paris: Payot, 1985.
- ENGLER, R. **Compte rendu de F. de Saussure**. Corso di linguistica generale, introdução, tradução e comentário de T. De Mauro. Bari: in V.R. 1970. [1967]
- FIRTH, J. R. **Papers in Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 1957.
- FREI, H. **La Grammaire des Fautes**. Genève-Paris: Slatkine Reprints, 1982. [1929]
- GODEL, R. **Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale de F de Saussure**. Geneva: Librairie Droz, 1969.
- HEINE, B.; HÜNNEMEYER, B.; CLAUDI, U. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- HJELMSLEV, L. **Essais linguistiques**. Paris: Editions de Minuit, 1971. [1959]
- HOCKETT, C. **A course in modern linguistics**. New York: Macmillan, 1958.
- HOLENSTEIN, E. **Jakobson**. O Estruturalismo Fenomenológico. Coimbra: Veja, 1975.
- HYPOLITE, J. **Gênese e estrutura da Fenomenologia do Espírito de Hegel**. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.

JAKOBSON, R. *Principles de Phonologie Historique*. In: **Selected Writing I: Phonological Studies**. The Hague: Mouton, 1962, p. 202-220 [1931]

JAKOBSON, R.; KARCEVSKIJ, S.; TROUBETZKOJ, N. In: PREMIER CONGRES INTERNATIONAL DE LINGUISTES A LA HAYE. **Actes...** Leiden, s.d. p. 33-36, 1929.

KOERNER, E. **Ferdinand de Saussure**. Génesis y evolución de su pensamiento en el marco de la lingüística occidental. Madrid: Editorial Gredos, 1982.

KOJÈVE, A. **L'Idée du Déterminisme dans la Physique Classique et dans la Physique Moderne**. Paris: Librairie Générale Française: Le Livre de Poche, 1990.

LABOV, W. Negative Attraction and Negative Concord. **Language**, Baltimore, v. 48, p. 773-818, 1972.

LEHMANN, W. **A reader in Nineteenth Century historical Indo-European Linguistics**. Bloomington: Indiana University Press, 1967.

LIGHTFOOT, D. How Long was the nineteenth century. **DELTA**, São Paulo, v. 16, n. spe., p. 81-98, 2000.

MARTINET, A. **Economie des changements phonétiques**. Traité de phonologie diachronique. Berna : A. Francke, 1955.

MEILLET, A. L'Evolution des Formes Grammaticales. **Esquisses Linguistiques**, Munich: Fink, n. 6, p.38-54, 1958.

PAUL, H. **Princípios Fundamentais da História da Língua**. Lisboa: Gulbenkian, 1966. [1870]

POPPER, K. **Post-Scriptum à la Logique de la Découverte Scientifique 1: Le Réalisme et la Science**. Paris: Hermann, 1990.

PUECH, M. **Kant et la Causalité**. Etude sur la Formation du Système Critique. Paris: Vrin, 1990.

SAPIR, E. **Linguistique**. Paris: Gallimard, 1968.

SAUSSURE, F. **Cours de Linguistique Générale**. Edição estabelecida por Tullio De Mauro. Paris: Payot, 1985.

SCHLEICHER, A. **Die darwinsche Theorie und die Sprachwissenschaft**. Weimar: Böhlau, 1873.

TODOROV, T.; DUCROT, O. **Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

TOLEDO, D. (Org.). **O Círculo Linguístico de Praga**: estruturalismo e semiologia. Porto Alegre: Editora Globo, 1982.

VIDOS, B. **Manual de Linguística Românica**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996 [1959].

VITRAL, L. A Negação: teoria da Checagem e mudança linguística. **DELTA**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 57-84, 1999.

Von WARTBURG, W. **Evolution et Structure de la Langue Française**. Paris: Larousse, 1934.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (Eds.). **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195.

WESTFALL, R. **A vida de Isaac Newton**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.